

DESCOLONIZAÇÃO E SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DE FREIRE, FANON, HALL E HOOKS

DECOLONIZATION AND MENTAL HEALTH AT THE UNIVERSITY: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF FREIRE, FANON, HALL, AND HOOKS

DESCOLONIZACIÓN Y SALUD MENTAL EN LA UNIVERSIDAD: UN ANÁLISIS A PARTIR DE FREIRE, FANON, HALL Y HOOKS

Luana Kateryne Carvalho Ferreira

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

E-mail: luana.kateryne@unemat.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1515-719X>

Poliany Cristiny de Oliveira Rodrigues

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

E-mail: polianyrodrigues@unemat.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9225-8935>

RESUMO: Este artigo analisa a relação entre descolonização e saúde mental no ensino superior, destacando os impactos das estruturas sociais, políticas e culturais sobre o bem-estar psicológico de estudantes universitários. A partir de uma abordagem teórico-metodológica descolonial, são mobilizadas as contribuições de Freire, Fanon, Hall e hooks, cujas reflexões possibilitam uma leitura crítica e interseccional das experiências vividas por estudantes pertencentes a grupos historicamente marginalizados. Os autores discutidos oferecem ferramentas para compreender como dinâmicas de opressão, exclusão, fragmentação identitária e silenciamentos institucionais contribuem para o adoecimento psíquico desses sujeitos. Argumenta-se que repensar a universidade sob uma perspectiva descolonial envolve mais do que revisar currículos: exige práticas pedagógicas inclusivas, afetivas e críticas, bem como a construção de espaços que acolham a diversidade de saberes, trajetórias e subjetividades. Conclui-se que uma educação crítica, comprometida com a equidade e a justiça social, é fundamental para promover saúde mental no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: saúde mental, descolonização, Paulo Freire, Frantz Fanon, bell hooks.

ABSTRACT: This article analyzes the relationship between decolonization and mental health in higher education, highlighting the impacts of social, political, and cultural structures on the psychological well-being of university students. Using a decolonial theoretical-methodological approach, the contributions of Freire, Fanon, Hall, and hooks are mobilized, allowing for a critical and intersectional reading of the experiences lived by students from historically marginalized groups. The authors discussed provide tools to understand how dynamics of oppression, exclusion, identity fragmentation, and institutional silencing contribute to the mental suffering of these individuals. It is argued that rethinking the university from a decolonial perspective involves more than revising curricula: it requires inclusive, affective, and critical pedagogical practices, as well as the construction of spaces that welcome the diversity of knowledge, trajectories, and subjectivities. It is concluded that a critical education, committed to equity and social justice, is essential for promoting mental health in the academic environment.

Keywords: mental health, decolonization, Paulo Freire, Frantz Fanon, bell hooks.

RESUMEN: Este artículo analiza la relación entre descolonización y salud mental en la educación superior, destacando los impactos de las estructuras sociales, políticas y culturales sobre el bienestar psicológico de los estudiantes universitarios. A partir de un enfoque teórico-metodológico descolonial, se movilizan las contribuciones de Freire, Fanon, Hall y hooks, cuyas reflexiones permiten una lectura crítica e interseccional de las experiencias vividas por estudiantes pertenecientes a grupos históricamente marginalizados. Los autores discutidos ofrecen herramientas para comprender cómo dinámicas de opresión, exclusión, fragmentación identitaria y silenciamientos institucionales contribuyen al malestar psíquico de estos sujetos. Se argumenta

que repensar la universidad desde una perspectiva decolonial implica más que revisar los currículos: exige prácticas pedagógicas inclusivas, afectivas y críticas, así como la construcción de espacios que acojan la diversidad de saberes, trayectorias y subjetividades. Se concluye que una educación crítica, comprometida con la equidad y la justicia social, es fundamental para promover la salud mental en el ambiente académico.

Palabras clave: salud mental, descolonización, Paulo Freire, Frantz Fanon, bell hooks.

Introdução

O ambiente acadêmico, muitas vezes, reproduz desigualdades históricas, que influenciam a identidade, o pertencimento e o bem-estar psicológico dos estudantes. A abordagem descolonial possibilita uma análise crítica dessas questões, promovendo uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados por aqueles que ocupam espaços tradicionalmente marginalizados na educação superior.

A descolonização não se restringe à independência política, mas envolve uma transformação profunda na forma como o conhecimento é produzido, disseminado e valorizado. Nesse sentido, a inclusão de teóricos como Paulo Freire, Frantz Fanon, Stuart Hall e Bell Hooks enriquece a análise sobre a relação entre opressão e sofrimento psíquico.

A identificação da prevalência e dos fatores associados ao sofrimento mental nos estudantes de graduação pode ser analisada pelas contribuições de Freire, Fanon, Hall e hooks. Freire destaca o diálogo e a conscientização como essenciais para o pertencimento e bem-estar mental; Fanon evidencia o impacto da opressão e da negação cultural nos transtornos psicológicos; Hall aborda a construção social das identidades e os desafios acadêmicos; e hooks discute o impacto das opressões estruturais, ressaltando a importância de ambientes inclusivos para a saúde mental dos estudantes.

Paulo Freire e a Conscientização na Educação

Freire traz os conceitos de diálogo, *empowerment* (empoderamento) para uma educação crítica e libertadora. Esses conceitos se relacionam a saúde mental pela relação intrínseca entre educação e transformação social, uma vez que, muitas vezes é através da educação que o indivíduo tem a possibilidade de compreender seu próprio ambiente, contexto e vida, e é isso que junto à comunidade pode possibilitar a transformação social.

A relação intrínseca entre conscientização e transformação social exerce um papel fundamental na promoção e preservação da saúde mental. A prática educacional, ao fomentar a conscientização, capacita os indivíduos a reconhecerem sua responsabilidade como agentes na construção de suas próprias narrativas. Nesse sentido, Freire enfatiza que a conscientização emerge da interação dialética entre subjetividade e objetividade, bem como entre ação e reflexão, destacando que a reflexão crítica sobre a realidade, aliada à prática transformadora, é essencial para o desenvolvimento integral do ser humano (Ribeiro, 2018).

Freire destaca o diálogo como um processo de comunicação igualitária e respeitosa, no qual todos têm o direito de expressar suas opiniões e serem ouvidos (figura-1). Para o educador, o diálogo é essencial para a transformação social, permitindo a conscientização, a compreensão mútua e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, além de ser um processo de aprendizagem coletiva, onde todos aprendem e ensinam reciprocamente (Galli; Braga, 2017).

O diálogo, segundo Freire, nasce de uma matriz crítica, envolvendo amor, humildade, fé, confiança e esperança, sendo fundamental para a problematização da realidade e a transformação do mundo, pois promove a criticidade e a educação como um ato recíproco (Santos, 2022). Nesse contexto, o diálogo nos permite refletir sobre o mundo e nossa presença nele como um processo contínuo e em constante transformação, representando uma práxis social que impulsiona a reflexão crítica e a ação (Zitkoski, 2010).

A partir desses princípios freirianos, pode-se afirmar que o diálogo na educação contribui significativamente para a saúde mental dos estudantes. Primeiramente, ele cria um ambiente de escuta e respeito, essencial para oferecer segurança e acolhimento, permitindo que os estudantes expressem suas preocupações e emoções. Além disso, ao estimular a reflexão crítica e o pensamento independente, o diálogo fortalece a autoestima e a confiança dos estudantes. Por fim, ao promover a conexão social e facilitar a interação entre os indivíduos, o diálogo reduz o isolamento social e reforça o senso de pertencimento e comunidade, fatores fundamentais para o bem-estar psicológico dos estudantes.

O conceito de *empowerment*, iniciou-se durante a Reforma Protestante por Martinho Lutero no século XVI, defendendo a ideia de que os indivíduos deveriam ter acesso direto as Escrituras e comunicar diretamente com Deus, enfrentando assim a Igreja Católica. Entretanto, foi a partir do século XX, em movimentos sociais nos Estados Unidos que o termo ganhou destaque, passando a descrever o fortalecimento de grupos historicamente marginalizados, capacitando-os a reivindicar sobre seus direitos e a lutar contra a opressão (Herriger, 2020).

O conceito de empoderamento, embora não explicitamente nomeado por Freire, está intrinsecamente ligado aos seus princípios pedagógicos. Freire defende que a problematização da realidade, o uso da criticidade e o engajamento político são formas de empoderar os indivíduos, proporcionando-lhes autonomia e consciência crítica para questionar e transformar as estruturas opressoras da sociedade. Nesse sentido, o empoderamento se manifesta como um processo coletivo, no qual os indivíduos conscientizados se unem para promover mudanças significativas nas relações de poder (Santos, 2020).

Na educação, o empoderamento é alcançado pelo acesso ao conhecimento, pela reflexão crítica e pelo desenvolvimento de habilidades, conforme proposto pela pedagogia libertadora de Freire, que busca enfrentar as opressões sociais, econômicas e políticas (Macário; Rodrigues, 2021).

Frantz Fanon e a Psicologia da Descolonização

Fanon analisa as interseções entre colonialismo e saúde mental, destacando as profundas consequências psicológicas da opressão colonial. Ele explora como as consequências psicológicas da opressão colonial afetaram a identidade dos colonizados.

Fanon, propõem uma reconfiguração do conhecimento, da identidade e das relações sociais, visando não só a liberdade política, mas também a emancipação dos modos de pensar e viver que ainda carregam as marcas do colonialismo (de Melo, 2024). Refere-se ao processo de desconstrução e superação das estruturas, práticas e mentalidades impostas pelo colonialismo. Esse processo envolve a recuperação das identidades culturais, históricas e sociais dos povos colonizados, bem como a rejeição das normas e valores que foram impostos pelos colonizadores (figura-2). A descolonização não se limita à independência política ou territorial, mas também abrange a libertação mental e cultural, buscando reestabelecer a autonomia e a dignidade dos povos que foram subjugados (Bonnici, 2012).

Fanon critica a imposição de um padrão normativo europeu, sustentado pelo capitalismo e pela lógica do consumo, que marginaliza aqueles que não se adéquam a essas normas. Em obras como “*Os Condenados da Terra e Pele Negra, Máscaras Brancas*”, ele demonstra como a colonização fabrica doenças mentais ao gerar sentimentos de inferioridade, alienação e auto ódio nos povos colonizados (Carvalho, 2018).

Em suas obras, o autor analisa a colonização como um sistema que não apenas domina política e economicamente, mas também fabrica doenças mentais entre os colonizados. Ele argumenta que a violência estrutural e a desumanização impostas pelo colonizador geram traumas psicológicos profundos, como sentimento de inferioridade, alienação e perda de identidade, enquanto a imposição cultural leva a uma ruptura com as raízes tradicionais, criando desenraizamento e conflitos internos. A violência física, incluindo tortura e repressão, e a violência psicológica, como humilhação e opressão diária, contribuem para transtornos como estresse pós-traumático e paranoia. Além disso, a internalização da opressão e do racismo resulta em auto aversão e fraturas psíquicas, exacerbadas pela busca de assimilação aos valores do colonizador. No entanto, Fanon também vê a resistência e a luta pela libertação como atos terapêuticos capazes de restaurar a dignidade e a saúde mental, embora (alertando) para os riscos de novos traumas gerados pela violência da luta armada. Assim, a colonização é entendida como um processo que patologiza o colonizado, exigindo uma abordagem que integre a libertação política à cura psíquica e coletiva (Fanon, 2008).

bell hooks e as Dinâmicas Interseccionais

As interseccionalidades entre raça, gênero e classe são um eixo central para a compreensão das desigualdades sociais e suas repercussões na saúde mental, especialmente em contextos marcados

por exclusão sistêmica. Nesse sentido, as contribuições teóricas de hooks oferecem uma análise profunda sobre como as estruturas sociais e culturais perpetuam opressões interligadas, afetando de maneira desproporcional comunidades marginalizadas. Este artigo tem como objetivo discutir as ideias de hooks, com foco em sua crítica ao feminismo tradicional e sua defesa de uma abordagem interseccional, além de explorar como suas reflexões podem contribuir para a compreensão dos desafios enfrentados por estudantes universitários em relação à saúde mental.

A obra de hooks é profundamente influenciada pelo conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw, que analisa como diferentes formas de opressão — como racismo, sexism, classismo e homofobia — se interconectam, criando experiências sociais únicas para indivíduos em diferentes interseções de identidade. Em *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*, hooks critica o feminismo tradicional por negligenciar as vivências de mulheres negras, pobres, LGBTQ+ e outras marginalizadas, defendendo um feminismo inclusivo e interseccional (Freitas, 2019).

Além disso, em *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics* (1990), hooks explora como as categorias de raça, gênero e cultura moldam as experiências emocionais e subjetivas, especialmente das mulheres negras. A autora enfatiza a importância da crítica cultural como ferramenta para transformar estruturas opressivas, destacando que as opressões interseccionais não apenas limitam oportunidades, mas também impactam profundamente a saúde mental (hooks, 1990).

As estruturas sociais e culturais, como o racismo, o colonialismo e o capitalismo, têm um impacto direto na saúde mental, especialmente no contexto acadêmico (figura-3). Estudantes negros e de outros grupos marginalizados enfrentam desafios específicos, como dificuldades de acesso à educação, permanência no ambiente universitário, racismo institucional e discriminações cotidianas (Moreira, 2021). Essas experiências de exclusão e opressão podem levar a problemas de saúde mental, como estresse, ansiedade e depressão, agravados pela falta de acesso a recursos e apoio comunitário.

hooks defende que a teoria pode ser uma prática libertadora e curativa, capaz de promover a recuperação individual e a transformação social. Em *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade* (hooks, 2013), a autora argumenta que o pensamento crítico e a reflexão teórica são essenciais tanto para a educação quanto para a saúde mental. Ela sugere que a teorização pode ser um caminho para a cura de traumas históricos e culturais, especialmente para comunidades marginalizadas.

A crítica de bell hooks ao feminismo tradicional e sua ênfase na interseccionalidade oferecem um arcabouço teórico indispensável para enfrentar as desigualdades estruturais no ambiente acadêmico. Sua obra destaca a importância de considerar as múltiplas dimensões de poder que moldam as experiências dos indivíduos, propondo estratégias inclusivas e emancipatórias para promover a saúde mental. Além disso, hooks enfatiza a necessidade de trabalhos teóricos e práticos que abordem questões psicológicas relacionadas à história e cultura negras. Ela defende a produção de literatura de autoajuda, discussões comunitárias e uma abordagem psicanalítica do trauma, ressaltando o papel crucial de estudiosos negros na produção de conhecimento (hooks, 1990).

Perspectiva sobre a Construção de Ambientes Acadêmicos Saudáveis para a Saúde Mental dos Estudantes

Introduzir os conceitos fundamentais de Paulo Freire, um educador e filósofo brasileiro conhecido por sua pedagogia crítica, pode enriquecer a abordagem sobre a saúde mental dos universitários, uma vez que Freire destacou a importância da conscientização, diálogo e transformação social. A transformação social depende de um processo de conscientização que envolva a percepção crítica da realidade e a compreensão das relações de opressão na sociedade. Nesse contexto, o diálogo é essencial, permitindo às pessoas compartilhar experiências e construir uma compreensão coletiva da realidade, culminando no objetivo final de superar estruturas opressivas e criar uma sociedade mais justa por meio de ação política e engajamento ativo dos oprimidos (Freire, 1981).

A abordagem pedagógica de Freire, baseada nesses pilares, oferece uma contribuição significativa para a saúde mental dos universitários. O diálogo fortalece o senso de pertencimento e reduz o isolamento, enquanto a análise crítica da realidade permite que os estudantes compreendam e enfrentem os desafios acadêmicos e sociais. Ademais, a criação de ambientes educacionais mais acolhedores favorece o bem-estar emocional e a construção de uma trajetória acadêmica mais saudável.

Fanon, em obras como *Os Condenados da Terra* e *Pele Negra*, *Máscaras Brancas*, destaca a importância de uma abordagem justa, sensível e eficaz na promoção da saúde mental, reconhecendo a influência de variáveis culturais e históricas. Fanon analisa o impacto da colonização na identidade, evidenciando o complexo de inferioridade, a construção social das categorias raciais e o papel da linguagem na superação da opressão. A negação da cultura pode causar danos psicológicos, enquanto a valorização da identidade cultural é fundamental para a saúde mental de povos colonizados, abordando também os efeitos do trauma e da violência colonial e a importância de estratégias psicosociais para a libertação e descolonização (Fanon, 2008).

As ideias de Fanon sobre identidade, opressão e cultura oferecem uma perspectiva relevante para a saúde mental dos universitários, especialmente aqueles de grupos marginalizados. A análise do impacto da colonização na formação da identidade ajuda a compreender questões como ansiedade, baixa autoestima e dificuldades de pertencimento no ambiente acadêmico. Valorizar a diversidade cultural e promover um diálogo inclusivo contribui para a criação de um ambiente universitário mais acolhedor, essencial para o bem-estar psicológico e o desenvolvimento dos estudantes.

O livro *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais* de Hall oferece uma análise crítica sobre a construção social das identidades, destacando sua natureza dinâmica, fluida e historicamente situada. Hall argumenta que a identidade não é fixa nem essencial, mas sim construída a partir de processos de diferenciação, nos quais categorias como raça, etnia, classe, gênero e sexualidade desempenham papéis centrais. As representações culturais e os discursos sociais influenciam a forma como os indivíduos se percebem e são percebidos, ressaltando a importância da diferença como elemento constitutivo das identidades, bem como o impacto das relações de poder

e os desafios intensificados pela globalização e pela diáspora (Hall; Woodward, 2014).

Essas reflexões de Hall são relevantes para compreender a saúde mental dos universitários em um contexto de diversidade sociocultural crescente. O processo de construção identitária pode ser desafiador no período acadêmico, devido às pressões relacionadas ao desempenho, pertencimento social e enfrentamento de preconceitos e estigmas associados às origens e identidades dos estudantes. Promover um ambiente universitário que valorize a diferença, reconheça identidades plurais e estimule o diálogo intercultural contribui significativamente para o bem-estar psicológico, reduzindo sentimentos de exclusão, ansiedade e insegurança, fortalecendo o senso de pertencimento e autoestima.

Bell hooks, teórica cultural, feminista e escritora afro-americana, analisa em suas obras as interseções entre raça, gênero e classe, destacando como estruturas coloniais, sexismo e patriarcado afetam a saúde mental das mulheres. hooks aborda questões como auto ódio, padrões de beleza impostos, violência doméstica, abuso sexual e expectativas de gênero, ressaltando a importância do amor-próprio, autoestima e cuidado consigo mesmas. Em *O Feminismo é para Todo Mundo*, propõe uma abordagem feminista crítica que considera influências culturais e históricas, promovendo intervenções justas e sensíveis para a saúde mental (hooks, 2018).

As reflexões de hooks têm uma relação significativa com a saúde mental dos universitários ao destacar o impacto das opressões estruturais na construção da identidade e no bem-estar psicológico. No ambiente acadêmico, essas questões se manifestam em desafios como a pressão por desempenho, a busca por pertencimento e a internalização de padrões sociais opressores, especialmente entre mulheres, pessoas racializadas e estudantes de grupos marginalizados. A abordagem de hooks, ao incentivar o amor-próprio, autoestima e pensamento crítico, oferece uma base teórica para a criação de espaços acadêmicos mais inclusivos e saudáveis.

O fortalecimento individual e coletivo resultante desse processo tem um impacto direto na saúde mental, promovendo autonomia, autoestima e a capacidade de tomar decisões que influenciam positivamente a vida dos estudantes. Assim, o empoderamento na saúde mental não apenas reduz sintomas psicológicos, mas também fortalece a resiliência emocional e o bem-estar psicossocial, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e sensível às questões psicológicas.

A saúde mental dos universitários pode se conectar profundamente com os temas relacionados ao colonialismo e saúde mental, especialmente no contexto de marginalização e alienação. Para muitos universitários, especialmente aqueles provenientes de grupos historicamente subjugados, a experiência educacional pode ser uma continuação de formas sutis e complexas de opressão. A imposição de normas e valores culturais que se alinham com o colonialismo moderno pode causar sofrimento psicológico, como sentimentos de inadequação, ansiedade, depressão e, em alguns casos, um conflito de identidade.

Raça, gênero e classe proporcionam uma análise interseccional fundamental para compreender como as estruturas sociais e culturais impactam a saúde mental, especialmente no

contexto universitário. A abordagem interseccional apontam a maneira pela qual a exclusão sistêmica, o racismo institucional e a falta de acesso a recursos geram e agravam o adoecimento psíquico.

Considerações Finais

A análise crítica da saúde mental dos estudantes universitários a partir de uma perspectiva descolonial revela a complexidade das dinâmicas de poder, identidade e pertencimento que operam nos espaços acadêmicos. O ambiente universitário, muitas vezes idealizado como um local de emancipação, pode também ser um espaço de reprodução de exclusões históricas e violências simbólicas que afetam de forma profunda o bem-estar psíquico dos estudantes, sobretudo daqueles oriundos de grupos marginalizados.

Ao incorporar os aportes de Freire, Fanon, Hall e hooks, torna-se possível ampliar a compreensão dos fatores que produzem sofrimento psíquico e, ao mesmo tempo, apontar caminhos para uma educação mais justa, crítica e inclusiva. Freire nos ensina que o diálogo e a conscientização são fundamentais para a construção de um senso de pertencimento e fortalecimento da autonomia. Fanon desvela as feridas psíquicas da colonização e aponta que a descolonização do pensamento é essencial para a cura coletiva. Hall contribui com a noção de identidade como construção social, sempre atravessada por relações de poder, e hooks reforça que só uma abordagem interseccional é capaz de dar conta das múltiplas opressões que afetam os corpos e as subjetividades dentro da universidade.

Nesse sentido, promover a saúde mental dos estudantes não pode se restringir a ações pontuais ou assistencialistas. É necessário transformar o próprio modo como os espaços acadêmicos operam: valorizando saberes plurais, reconhecendo experiências diversas, acolhendo as subjetividades e promovendo práticas pedagógicas libertadoras e inclusivas. A construção de ambientes universitários saudáveis exige o enfrentamento das estruturas de opressão que atravessam o cotidiano acadêmico — como o racismo, o sexism, o elitismo e o colonialismo — e a criação de políticas institucionais que promovam o cuidado, o acolhimento e a equidade.

Assim, é possível afirmar que a descolonização do espaço acadêmico não é apenas uma urgência epistemológica, mas também uma necessidade ética e política para garantir o direito à saúde mental e à educação plena para todos os estudantes. Reconhecer o sofrimento como expressão das desigualdades estruturais é o primeiro passo para construir uma universidade mais humana, democrática e comprometida com a transformação social.

“Ninguém pode ser autenticamente humano enquanto impede que outros também o sejam.”
(Paulo Freire)

Referência

- BONNICI, T. Cultura e Descolonização da Mente. *In: O PÓS-COLONIALISMO E A LITERATURA: ESTRATÉGIAS DE LEITURA.* [s. l.]: Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM, 2012.
- CARVALHO, A. S. de. A ALIENAÇÃO EM FRANTZ FANON: da consciência a descolonização. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/9751>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- DE MELO, A. S. **Um Estudo do Tráfico de Pessoas no Brasil à Luz da Transtemporalidade do Legado Colonial entre 2017 a 2023.** 2024. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso - UFSC, Florianópolis-SC, 2024. Disponível em: Acesso em: 15 fev. 2024.
- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade.** 5^aed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981. (O mundo, hoje). v. 10 Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2023.
- FREITAS, V. G. (org.). **Intelectuais negras: vozes que ressoam.** Belo Horizonte: Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas, 2019.
- GALLI, E. F.; BRAGA, F. M. O diálogo em Paulo Freire:: concepções e avanços para transformação social. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, [s. l.], v. 19, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2522>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais.** Tradução: Tomaz Tadeu Silva. 3^aed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014. v. 16 Disponível em: https://www.academia.edu/39471416/Identidade_e_Diferen%C3%A7a_A_perspectiva_dos_Estudos_Culturais_Tomaz_Tadeu_da_Silva. Acesso em: 22 nov. 2023.
- HERRIGER, N. **Empowerment in der Sozialen Arbeit.** [s. l.], 2020. Disponível em: <https://elibrary.kohlhammer.de/book/10.17433/978-3-17-034147-0>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- HOOKS, B. A teoria como prática libertadora. *In: ENSINANDO A TRANSGREDIR - A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE.* Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 286. Disponível em: https://www.academia.edu/45102468/HOOKS_Bell_Ensinando_a_Transgredir. Acesso em: 22 nov. 2023.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução: Ana Luiza Libânio. 1^aed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, B. **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics.** 1^aed. Boston, MA: South End Press, 1990.
- MACÁRIO, R. de O.; RODRIGUES, L. P. A pedagogia libertadora de Freire como possibilidade de empoderamento da mulher na EJA. **Revista Educação e Emancipação**, [s. l.], p. p.102-128, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/18169>. Acesso em: 3 jan. 2024.
- MOREIRA, A. L. C. VIDAS NEGRAS IMPORTAM NA UNIVERSIDADE? O ADOECIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES NEGRAS E NEGROS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s. l.], v. 13, n. 37, p. 123–150, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1266>. Acesso em: 6 jan. 2024.
- RIBEIRO, A. D. S. CONSCIENTIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EM PAULO FREIRE. **Revista Sinergia**, [s. l.], v. 19, n. 1, 2018. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/sinergia/article/view/304>. Acesso em: 1 jan. 2024.
- SANTOS, J. A. dos. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: BREVE RELAÇÃO DO CONCEITO DE DIÁLOGO DE PAULO FREIRE COM O DIALOGISMO BAKHTINIANO. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, [s. l.], v. 10, n. 28, p. 39–51, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/585>. Acesso em: 2 jan. 2024.

SANTOS, M. P. Para entender o empoderamento. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 28, p. e65241, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/M5KvPKsnyCkHf5F7rQJ83hN/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 3 jan. 2024.

ZITKOSKI, J. J. DIÁLOGO/DIALOGICIDADE. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2^aed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Revista Ampliada, v. 1).

ANEXOS

Figura 1 - Paulo Freire e o saber libertador: o empoderamento diante do sofrimento mental.



Fonte: Autoria própria, imagem gerada por inteligência artificial com auxílio do ChatGPT (OpenAI), 2025.

Figura 2 - Frantz Fanon: a colonização da mente e o grito por liberdade universitária.



Fonte: Autoria própria, imagem gerada por inteligência artificial com auxílio do ChatGPT (OpenAI), 2025.

Figura 3 - Saúde mental e diversidade: a universidade sob o olhar de bell hooks.



Fonte: Autoria própria, imagem gerada por inteligência artificial com auxílio do ChatGPT (OpenAI), 2025.

Recebido em 15 de maio de 2025
Aceito em 01 de agosto de 2025
Publicado em 30 de agosto de 2025